

DOMINGO XXIII DO TEMPO COMUM

CIC 273, 300, 314: a transcendência de Deus

- 273** Só a fé pode aderir aos caminhos misteriosos da onipotência de Deus. Esta fé gloria-se nas suas fraquezas, para atrair a si o poder de Cristo¹. Desta fé é modelo supremo a Virgem Maria, pois acreditou que «a Deus nada é impossível» (Lc 1, 37) e pôde proclamar a grandeza do Senhor: «O Todo-Poderoso fez em mim maravilhas; ‘Santo’ – é o seu nome» (Lc 1, 49).
- 300** Deus é infinitamente maior do que todas as suas obras²: «A vossa majestade está acima dos céus» (Sl 8, 2), «insondável é a sua grandeza» (Sl 145, 3). Mas, porque Ele é o Criador soberano e livre, causa primeira de tudo quanto existe, está presente no mais íntimo das suas criaturas: «É n’Ele que vivemos, nos movemos e existimos» (Act 17, 28). Segundo as palavras de Santo Agostinho, Ele é «*superior summo meo et interior intimo meo* – Deus está acima do que em mim há de mais elevado e é mais interior do que aquilo que eu tenho de mais íntimo»³.
- 314** Nós cremos firmemente que Deus é o Senhor do mundo e da história. Muitas vezes, porém, os caminhos da sua Providência são-nos desconhecidos. Só no fim, quando acabar o nosso conhecimento parcial e virmos Deus «face a face» (1 Cor 13, 12), é que nos serão plenamente conhecidos os caminhos pelos quais, mesmo através do mal e do pecado, Deus terá conduzido a criação ao repouso desse *Sábado*⁴ definitivo, em vista do qual criou o céu e a terra.

CIC 36-43: o conhecimento de Deus segundo a Igreja

- 36** «A Santa Igreja, nossa Mãe, atesta e ensina que Deus, princípio e fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana, a partir das coisas criadas»⁵. Sem esta capacidade, o homem não poderia acolher a revelação de Deus. O homem tem esta capacidade, porque foi criado «à imagem de Deus» (Gn 1, 27).
- 37** Nas condições históricas em que se encontra, o homem experimenta, no entanto, muitas dificuldades para chegar ao conhecimento de Deus só com as luzes da razão:

¹ Cf. 2 Cor 12, 9; Fl 4, 13.

² Cf. Sir 43, 30.

³ SANTO AGOSTINHO, *Confessiones*, 3, 6, 11: CCL 27, 33 (PL 32, 688).

⁴ Cf. Gn 2, 2.

⁵ I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 2: DS 3004; cf. *Ibid.*, De Revelatione, canon 2: DS 3026; II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 6: AAS 58 (1966) 819.

«Com efeito, para falar com simplicidade, apesar de a razão humana poder verdadeiramente, pelas suas forças e luz naturais, chegar a um conhecimento verdadeiro e certo de um Deus pessoal, que protege e governa o mundo pela sua providência, bem como de uma lei natural inscrita pelo Criador nas nossas almas, há, contudo, bastantes obstáculos que impedem esta mesma razão de usar eficazmente e com fruto o seu poder natural, porque as verdades que dizem respeito a Deus e aos homens ultrapassam absolutamente a ordem das coisas sensíveis; e quando devem traduzir-se em actos e informar a vida, exigem que nos dêmos e renunciemos a nós próprios. O espírito humano, para adquirir semelhantes verdades, sofre dificuldade da parte dos sentidos e da imaginação, bem como dos maus desejos nascidos do pecado original. Daí deriva que, em tais matérias, os homens se persuadem facilmente da falsidade ou, pelo menos, da incerteza das coisas que não desejariam fossem verdadeiras»⁶.

- 38 É por isso que o homem tem necessidade de ser esclarecido pela Revelação de Deus, não somente no que diz respeito ao que excede o seu entendimento, mas também sobre «as verdades religiosas e morais que, de si, não são inacessíveis à razão, para que possam ser, no estado actual do género humano, conhecidas por todos sem dificuldade, com uma certeza firme e sem mistura de erro»⁷.
- 39 Ao defender a capacidade da razão humana para conhecer Deus, a Igreja exprime a sua confiança na possibilidade de falar de Deus a todos os homens e com todos os homens. Esta convicção está na base do seu diálogo com as outras religiões, com a filosofia e as ciências, e também com os descrentes e os ateus.
- 40 Mas, dado que o nosso conhecimento de Deus é limitado, a nossa linguagem, ao falar de Deus, também o é. Não podemos falar de Deus senão a partir das criaturas e segundo o nosso modo humano limitado de conhecer e de pensar.
- 41 Todas as criaturas são portadoras duma certa semelhança de Deus, muito especialmente o homem, criado à imagem e semelhança de Deus. As múltiplas perfeições das criaturas (a sua verdade, a sua bondade, a sua beleza) reflectem, pois, a perfeição infinita de Deus. Daí que possamos falar de Deus a partir das perfeições das suas criaturas: «porque a grandeza e a beleza das criaturas conduzem, por analogia, à contemplação do seu Autor» (*Sb* 13, 5).
- 42 Deus transcende toda a criatura. Devemos, portanto, purificar incessantemente a nossa linguagem no que ela tem de limitado, de ilusório, de imperfeito, para não confundir o Deus «inefável, incompreensível, invisível, impalpável»⁸ com as nossas representações humanas. As nossas palavras humanas ficam sempre aquém do mistério de Deus.
- 43 Ao falar assim de Deus, a nossa linguagem exprime-se, evidentemente, de modo humano. Mas atinge realmente o próprio Deus, sem todavia poder exprimi-Lo na sua infinita simplicidade. Devemos lembrar-nos de que, «entre o Criador

⁶ Pio XII, Enc. *Humani Generis*: DS 3875.

⁷ *Ibid.*, DS 3876. Cf. I CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Filius*, c. 2: DS 3005; II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Dei Verbum*, 6: AAS 58 (1966) 819-820; SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, I, q. 1, a. 1, c.: Ed. Leon. 4, 6.

⁸ *Liturgia Bizantina. Anáfora de São João Crisóstomo: Liturgies Eastern and Western*, ed. F. E. BRIGHTMAN, Oxford 1896, p. 384 (PG 63, 915).

e a criatura, não é possível notar uma semelhança sem que a dissemelhança seja ainda maior»⁹, e de que «não nos é possível apreender de Deus o que Ele é, senão apenas o que Ele não é, e como se situam os outros seres em relação a Ele»¹⁰.

CIC 2544: preferir Cristo a tudo e a todos

2544 Jesus impõe aos seus discípulos que O prefiram a tudo e a todos e propõe-lhes que renunciem a todos os seus bens¹¹ por causa d'Ele e do Evangelho¹². Pouco antes da sua paixão, deu-lhes o exemplo da pobre viúva de Jerusalém que, da sua penúria, deu tudo o que tinha para viver¹³. O preceito do desapego das riquezas é obrigatório para entrar no Reino dos céus.

CIC 914-919, 931-932: seguir Cristo na vida consagrada

914 «O estado de vida constituído pela profissão dos conselhos evangélicos, embora não pertença à estrutura hierárquica da Igreja, está, no entanto, incontestavelmente ligado à sua vida e santidade»¹⁴.

915 Os conselhos evangélicos são, na sua multiplicidade, propostos a todos os discípulos de Cristo. A perfeição da caridade, a que todos os fiéis são chamados, comporta, para aqueles que livremente assumem o chamamento à vida consagrada, a obrigação de praticar a castidade no celibato por amor do Reino, a pobreza e a obediência. É a *profissão* destes conselhos, num estado de vida estável reconhecido pela Igreja, que caracteriza a «vida consagrada» a Deus¹⁵.

916 A partir daí, o estado de vida consagrada aparece como uma das maneiras de viver uma consagração «mais íntima», radicada no Baptismo e totalmente dedicada a Deus¹⁶. Na vida consagrada, os fiéis propõem-se, sob a moção do Espírito Santo, seguir Cristo mais de perto, entregar-se a Deus amado acima de todas as coisas e, procurando a perfeição da caridade ao serviço do Reino, ser na Igreja sinal e anúncio da glória do mundo que há-de vir¹⁷.

917 «Tal como uma árvore se ramifica maravilhosa e variadamente no campo do Senhor, a partir de uma semente lançada por Deus, assim surgiram diversas formas de vida solitária ou comum, e várias famílias religiosas que vêm aumentar a riqueza espiritual, tanto em proveito dos seus próprios membros como no de todo o Corpo de Cristo»¹⁸.

⁹ IV CONCÍLIO DE LATRÃO, *Cap. 2. De errore abbatum loachim*: DS 806.

¹⁰ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa contra gentiles* I 30: Ed. Leon. 13, 92.

¹¹ Cf. *Lc* 14, 33.

¹² Cf. *Mc* 8, 35.

¹³ Cf. *Lc* 21, 4.

¹⁴ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 44: AAS 57 (1965) 51.

¹⁵ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 42-43: AAS 57 (1965) 47-50; Id, Decr. *Perfectae caritatis*, 1: AAS 58 (1966) 702-703.

¹⁶ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Perfectae caritatis*, 5: AAS 58 (1966) 704-705.

¹⁷ Cf. CIC cân 573.

¹⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 43: AAS 57 (1965) 49.

- 918** «Desde as origens da Igreja, houve homens e mulheres que se propuseram, pela prática dos conselhos evangélicos, seguir mais livremente Cristo e imitá-Lo de modo mais fiel. Cada qual a seu modo, levaram uma vida consagrada a Deus. Muitos de entre eles, sob o impulso do Espírito Santo, viveram na solidão; outros fundaram famílias religiosas que a Igreja de bom grado acolheu e aprovou com a sua autoridade»¹⁹.
- 919** Os bispos devem esforçar-se sempre por discernir os novos dons de vida consagrada, confiados pelo Espírito Santo à sua Igreja. A aprovação de novas formas de vida consagrada é reservada à Sé Apostólica²⁰.
- 931** Entregando-se a Deus amado sobre todas as coisas, aquele que pelo Baptismo já Lhe estava devotado, encontra-se, assim, mais intimamente consagrado ao serviço divino e dedicado ao bem da Igreja. Pelo estado de consagração a Deus, a Igreja manifesta Cristo e mostra como o Espírito Santo nela actua de modo admirável. Aqueles que professam os conselhos evangélicos têm, pois, por missão, antes de mais, viver a sua consagração. «Visto estarem dedicados, em virtude da sua consagração, ao serviço da Igreja, têm obrigação de trabalhar, de modo especial, segundo a índole própria do instituto, na acção missionária»²¹.
- 932** Na Igreja, que é como o sacramento, isto é, o sinal e o instrumento da vida de Deus, a vida consagrada surge como um sinal particular do mistério da Redenção. Seguir e imitar Cristo «mais de perto», manifestar «mais claramente» o seu aniquilamento, é estar «mais profundamente» presente, no coração de Cristo, aos seus contemporâneos. Quem segue este caminho «mais estreito» estimula os seus irmãos pelo exemplo e «dá este esplêndido e sublime testemunho: o mundo não pode ser transfigurado e oferecido a Deus sem o espírito das bem-aventuranças»²².
- 933** Quer este testemunho seja público, como no estado religioso, quer seja mais discreto ou mesmo secreto, a vinda de Cristo é, para todos os consagrados, a origem e a meta das suas vidas:
- «Como o povo de Deus não tem na terra cidade permanente [...], o estado religioso [...] manifesta a todos os crentes a presença, já neste mundo, dos bens celestes; dá testemunho da vida nova e eterna adquirida pela redenção de Cristo e anuncia a ressurreição futura e a glória celeste»²³.

¹⁹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Perfectae caritatis*, 1: AAS 58 (1966) 702.

²⁰ Cf. CIC cân 605.

²¹ CIC cân 783; JOÃO PAULO II, Enc. *Redemptoris missio*, 69: AAS 83 (1991) 317-318.

²² II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 31: AAS 57 (1965) 37.

²³ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 44: AAS 57 (1965) 50-51.